

REVISÃO UNIOESTE 2022



contos



18. Com base na leitura do conto “Urupês”, de Monteiro Lobato, assinale a alternativa **INCORRETA**.

- a) Monteiro Lobato se insere nas tendências pré-modernistas, na acepção extrema do termo, ao produzir uma literatura renovadora, revelando as tensões que permeiam o ambiente social.
- b) “Urupês” são personagens criados por Lobato, anteriores à criação do Sítio do Pica-pau Amarelo.
- c) No conto “Urupês” cria-se a figura do Jeca Tatu, que vive de cócoras, a modorrar.
- d) Jeca Tatu é apresentado como protótipo dos aspectos negativos do homem do campo: é doente, atrasado, analfabeto político e alienado.
- e) Em “Urupês” se lê que Jeca se utiliza da homeopatia para a cura das doenças e “o veículo usual das drogas é sempre a pinga”.

URUPÊS



Jeca Tatu é um piraquara do Paraíba, maravilhoso epítome de carne onde se resumem todas as características da espécie.

Ei-lo que vem falar ao patrão. Entrou, saudou. Seu primeiro movimento após prender entre os lábios a palha de milho, sacar o rolete de fumo e disparar a cusparada desguicho é sentar-se jeitosamente sobre os calcanhares. Só então destrava a língua e a inteligência.

— Não vê que...

De pé ou sentado as ideias se lhe entramam, a língua emperra e não há de dizer coisa com coisa.

De noite, na choça de palha, acocora-se em frente ao fogo para “aqueotá-lo”, imitado da mulher e da prole.

Para comer, negociar uma barganha, ingerir um café, tostar um cabo de foice, fazê-lo noutra posição será desastre infalível. Há de ser de cócoras.

Nos mercados, para onde leva a quitanda domingueira, é de cócoras, como um faquir do Bramaputra, que vigia os cachinhos de brejaúva ou o feixe de três palmitos.

Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade! Jeca mercador, Jeca lavrador, Jeca filósofo...

Quando comparece às feiras, todo mundo logo adivinha o que ele traz: sempre coisas que a natureza derrama pelo mato e ao homem só custa o gesto de espichar a mão e colher – cocos de tucum ou jiçara, guabirobas, bacuparis, maracujás, jataís, pinhões, orquídeas; ou artefatos de taquara-poca – peneiras, cestinhas, samburás, tipitis, pios de caçador; ou utensílios de madeira mole – gamelas, pilõezinhos, colheres de pau.

Nada mais.

Seu grande cuidado é espremer todas as consequências da lei do menor esforço – e nisto vai longo.

[...]

Urupês, Monteiro Lobato – 1918

- Reflexão sobre a imagem do herói nacional romântico e sua mutação ao caboclo.
- Apresentação de Jeca Tatu – o caboclo (o índio ao contrário);
- Analfabeto, às margens da industrialização e do desenvolvimento;
- Ignorante, desleixado, preguiçoso e acomodado;

JECA MERCADOR, JECA LAVRADOR, JECA FILÓSOFO:

- MERCADOR: vende apenas o que custa o gesto de espichar a mão e colher (cocos de tucum, guabirobas, bacuparis, maracujás)



URUPÊS, Monteiro Lobato - 1918



ESTRUTURA

- LAVRADOR: não possui terra, não se dá a nenhum trabalho, quer apenas a mandioca, milho e cana (não impõe colheita, nem exige celeiro).
 - FILÓSOFO: “Nada paga a pena. Nem culturas, nem comodidades. De qualquer jeito se vive.” – Lei do menor esforço.
 - Só uma coisa vale a pena: votar. Não sabe por quê, não sabe em quem, só sabe que é bonito (e agrada o *morubixaba*).
 - A medicina confunde-se com a crendice e religião – nada científico.
 - Não há arte, apenas a ignorância.
- Narrador: onisciente
 - Tempo: psicológico (lembança do narrador)
 - Espaço: zona rural do estado de São Paulo
 - Personagens: Jeca Tatu
 - Característica marcante: caricatura, descrição exagerada

URUPÊS, Monteiro Lobato - 1918



“(...) O caboclo é o sombrio urupê de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas.

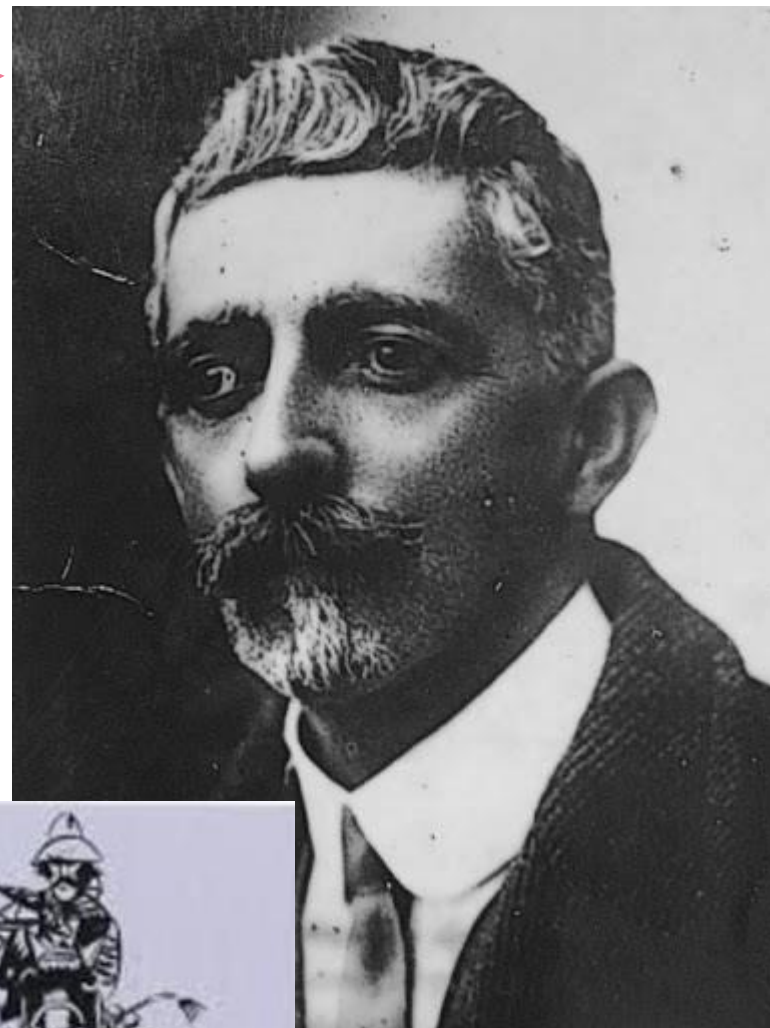
Só ele não fala, não canta, não ri, não ama.

Só ele, no meio da tanta vida, não vive...”

NEGRO BONIFÁCIO

e

NO M.A.N.A.N.TIAL



NEGRO BONIFÁCIO, 1912

- Tudinha: chinoca mais candogueira daquele pagos (moça que possui 4 namorados).
- Negro Bonifácio: encantado por Tudinha, trava uma aposta com a moça, que vence. Seu prêmio: uma libra de doces. Faz pouco caso e irrita o homem.
- Nadico: “manoteou e no soflagrante sopesou a trouxinha e sampou com ela na cara do muçum” (Nadico agarrou, calculou na hora o peso da trouxinha com a mão e arremessou-a na cara do Bonifácio).

ESTRUTURA

- Narrador: onisciente, velho vaqueano Blau Nunes
- Tempo: psicológico (lembança do narrador)
- Espaço: pampa gaúcho
- Personagens: Tudinha, Negro Bonifácio, Nadico, sia Fermina
- Característica marcante: linguagem peculiar própria da região, assim como exaltação e respeito por seus elementos (animais, instrumentos, paisagem)

NEGRO BONIFÁCIO, 1912

- “*Fechou o salseiro*” - começou a treta.
- Nadico atravessou a pelanca do pescoço de Bonifácio com uma adaga.
- Bonifácio atirou com uma pistola a barriga de Nadico.
- Todo mundo atirando/ furando/ batendo em todo mundo.
- velha Fermina joga água fervendo do chimarrão em Bonifácio, que atravessou a velha com um facão. Ao mesmo tempo, alguém arremessou um bolaço no tampo da cabeça – cai no chão.
- Tudinha, já sem chorar por Nadico e pela mãe, se joga sobre o negro: perfurou seus olhos e depois a região abaixo da bexiga.

NO MANANTIAL, 1912

- Lagoão: tremedal perigoso – várias seres ali já se perderam.
- No meio do manantial: uma roseira, carregada de rosas (que ninguém apanha).
- Relato de dois carreteiros – almas sobre o manantial – mal assombrado.
- Mariano chega à cidade com sua família.
- Maria Altina, filha de Mariano, se apaixona por André ele e por ela e o namoro é consentido e apoiado por todos.
- Rosa dada à Maria Altina, que a planta e vira um roseiral.

ESTRUTURA

- Narrador: onisciente, velho vaqueano Blau Nunes
- Tempo: psicológico (lembança do narrador)
- Espaço: pampa gaúcho
- Personagens: Mariano, Maria Altina, André, Chicão, mãe Tanásia
- Característica marcante: linguagem peculiar própria da região, assim como exaltação e respeito por seus elementos (animais, instrumentos, paisagem)

NO MANANTIAL, 1912

- Chicão, filho de Chico Triste, também se apaixonou por Maria Altina – a desejava (de carne e osso).
- Bruto, ao receber um não de Maria Altina (que se recusa a dar-lhe uma rosa de suas próprias mãos), ameaça picotar a roseira.
- Chicão presenteava a amada com muitos bichinhos, que ao crescerem eram soltos todos no campo.
- Por nunca ver os animais, o homem descobre que Maria os solta e dá a ela um filhote de avestruz com as asas e as pernas cortadas.
- Sinais de mau agouro: choro dos pica-paus, cachorros cavoucaram o chão, borboleta preta no quarto de Maria Altina.

NO MANANTIAL, 1912

- Todos se retiraram da casa, para batizado em casa de Chicão Triste, ficando apenas Maria Altina, a avó e a mãe Tanásia.
- Chicão aparece na casa, mata a avó e tenta agarrar Maria Altina à força.
- Maria Altina foge para o manantial e Chicão a persegue. A moça entra no lodaçal e desaparece, ficando apenas a rosa de seu cabelo para fora. Chicão tenta alcançá-la, mas desiste e fica coberto até o peito de lama. Mariano também se joga.
- Mãe Tanásia vê tudo, escondida, e busca ajuda. Todos correm ao manantial. Tragédia feita. A lenda da roseira.